DIOGO DA COSTA

RELAÇAM DAS GUERRAS DA INDIA

1741

RELAÇAM DAS GUERRAS DA INDIA

Desde o Anno de 1736. até o de 1740.

COMPOSTA

POR

DIOGO DA COSTA

LISBOA:

Na Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA

M. DCC. XLI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se na Logea de Manoel da Conceiçaõ na Rua direita do Loreto junto as Casas do Conde de Saõ-Tiago, e no Terreiro do Paço.

PROLOGO

AO LEITOR.

MOtivoume (curioſo Leitor) à dar à luz eſta Relaçaõ das guerras da India, que neſtes trez proximos annos teve a Naçaõ Portugueza, a confuza, e incerta noticia, que corria do credito das armas Luſitanas nos ditos Eſtados, por cuja cauſa me reſolvo a patentearte o quanto luſtraraõ os poucos Soldados, que proximamente ſe acharaõ em tantos conflictos, que em nada foraõ menores no valor aos antigos heròes, cujos nomes eſtaõ gravados na immortalidade; compendioſamente te relato a noticia das ditas guerras, porque ſeria neceſſario hum grande volume a querer eſpecializar as acçoens dignas de memoria, que obraraõ taõ poucos Portuguezes pelejando ao meſmo tempo contra trez poderoſiſſimos inimigos, que atè eſtes foraõ muitas vezes, e de prezente eſtaõ ſendo panegyriſtas do ſeu louvor. Foy Baçaim theatro das mais valeroſas acçoens, que pòdem merecer eterna fama, obrando os Portuguezes tantas, e taes proezas por eſpaço de quazi trez annos, que aos inimigos cauſavaõ juntamente terror, e admiraçaõ, ſabendo pela honra de ſeu Deos, e gloria de ſeu Rey offerecer as vidas, e deſpreſar perigos. Na Relaçaõ (poſto que em ſumma) o veràs, a qual ſendo eſcrita com toda a verdade, e ſem o minimo hyperbole, naõ deixarà de te grangear o goſto.

VALE.

LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO

CENSURA DO M. R. P. M. JOZE TROYANO QUALIficador do Santo Officio &c.

NAõ contem cousa alguma contra a Fé ou bons costumes. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio 14. de Junho de 1741.

Jozé Troyano.

VIsta a informaçaõ pode-se imprimir a Relacaõ de que se trata; e depois de impressa tornara para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual naõ correrà. Lisboa 8. de Agosto de 1741.

Fr. R. de Lancastro. Teyxeira. Sylva. Soares. Abreu. Amaral.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. D. JOZE BARBOSA C. R. EXAMINADOR das Tres Ordens Militares. &c.

VI a Relaçaõ das Guerras da India escrita pot Diogo da Costa, e naõ tem cousa alguma contra a Fè, ou bons costumes. Lisboa 26. de Setembro de 1741.

D. Jozè Barbosa C. R.

VIsta a informaçaõ podese imprimir o papel de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa 26. de Setembro de 1741.

D. V. Arcebispo de Lacedemonia

DO

DO PAÇO,

SENHOR.

NOs Succeſſos Tragicos naõ he pequena conſolaçaõ acabar heroicamente como o Autor Diogo da Coſta o demoſtra na relaçaõ da guerra da India, e como ſeja ainda que huma pequena parte da noſſa mais brilhante hiſtoria, e pode ſervir de continuaçaõ às Decadas que temos deſte meſmo aſſumpto, pareceme que naõ he inutil que o mundo veja mais huma prova do valor, do ſofrimento, e da fidelidade dos Portuguezes, e que a decadencia daquelle Eſtado he para aquelles que ſacrificaraõ as ſuas vidas taõ glorioſa como o ſeu deſcobrimento. E aſſim naõ acho inconveniente a que ſe imprima. Deos guarde a muito alta, e muito poderoſa peſſoa de V. Mageſtade os largos annos que ſeus Vaſſallos deſejamos. Lisboa 18. de Outubro de 1741.

O Conde de Aſſumar.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſa tornara à Meſa para ſe conferir, e taxar; e dar licença para que corra, e ſem iſſo naõ correrà. Lisboa 23. de Outubro de 1741.

Pereira. Texeira. Vaz de Carvalho.

RELA-

RELAÇAM DAS GUERRAS DA INDIA

Desde o anno de 1736. atè o de 1740.

Primeira entrada do inimigo Maratà Bagiraõ Pardani nas Provincias do Norte.

EM o anno de 1736. (com o frivolo fundamento de hospedarem mal aos seus Embaixadores) entrou o inimigo Maratà pela Provincia do Norte, dando de repente sobre a Fortaleza de Atanà, que achando os naturaes descuidados de taõ improvizo assalto lha deixaraõ sem o custo de hum só tiro; o que sabido em Goa, foy logo a fazerlhe opposiçaõ Antonio Cardim Froes homem de grande valor, e experiencia mlitar, muito temido dos inimigos da Coroa Portugueza, o qual ainda que com pouca gente lhe fez muita guerra, alcançando sempre victoria delle em todos os encontros, que com elle teve, matando-lhe muita gente, e accommetendo-o em diversas partes; por quanto o inimigo dividio pela Provincia seu poderoso Exercito, que constava de 150. mil homens) alèm dos que estavaõ vindo de refresco a suprir a falta dos que se lhes matavaõ) e entregou a parte principal ao seu grande General Xinagi Appà, dandolhe a mais recomendada incumbencia de sitiar a Praça de Baçaim, como a mais importante do Norte, o que logo fez: porèm Anronio Cardim em humas, e outras partes fez grande estrago ao inimigo em todo o restante deste anno.

DO

DO QUE SUCCEDEO NA FORTALEZA DE MADAPOR.

EM o Anno de 1737. foy o inimigo ſitiar a Fortaleza de Madapor com hum rigoroſo ſitio, o qual ſe achava com poucos nacionaes, menos Portuguezes, e vendo taõ dezigual o partido começaraõ a requerer a entrega ao Comandante da dita Fortaleza, Manoel Sanches de Oliveira, o qual reſpondeo, que em quanto tiveſſe vida naõ havia entregar a Fortaleza, e que ſó o faria, ſe todos conviessem no ſeu intento, que era que deſpois de Confeſſados deixaſſem entrar o inimigo, largaſſem fogo à Fortaleza ficando elles taõbem expoſtos ao meſmo perigo, no que convindo todos, minaraõ as ruas das muralhas, e as encheraõ de Barris de polvora com ſeus raſtilhos, e carregaraõ a artelharia em falſo, e com ballas de mayores calibres para rebentarem, e ſe meteraõ no Forte Cavaleiro, e deixaraõ as portas abertas; na menhãa ſeguinte aſſaltando o inimigo a Fortaleza vendo as portas abertas entrou dentro prezumindo ſe lhes entregava livremente, e tanto, que o Comandante vio, que eſtava a Fortaleza cheya de inimigos, deo fogo ao raſtilho, e rebentado tudo, morreraõ quantos eſtavaõ dentro tanto dos inimigos como os que eſtavaõ dentro no forte Cavaleiro, em que paſſou de morrerem mil peſſoas, e os que ao deſpois entraraõ, apenas viraõ a forma da Fortaleza, e ficou o Maratá taõ temeroſo com a noticia deſte eſtrago, que dizia, acabava de conhecer, que os Portuguezes eſtimavaõ em muito mais a honra do ſeu Rey, que a propria vida.

DO QUE MAIS SUCCEDEO NAS OUTRAS FORTALEZAS.

VEndo o General do Norte Martinho da Sylveira, que era tanto o poder do inimigo, e taõ poucos os Portuguezes, que ſe achavaõ de guarniçaõ nas Fortalezas lhes mandou ordem que todos ſe retiraſſem para Baçaim, viſto o Comandante Manoel Sanches naõ poder defender a ſua, e que vindo para Baçaim (onde elle aſſiſtia) as guarniçoens dellas poderiaõ fazer mayor guerra ao inimigo, que já havia hum anno, que eſtava ſobre a dita Praça com grande poder

der (como adiante se verá) cuja ordem foy pouco attendida delles, antes responderaõ todos que em quanto tivessem armas, e vidas, naõ haviaõ entregar as Fortalezas sem grande custo do inimigo, como assim sucedeo na Fortaleza de Trapor, na de Santo Aleixo, na de S. Bartholomeu, e especialmente na dos Reys, que por ser de celebre modo me parece justu dizer em summa como foy.

ESTRAGOS DO INIMIGO NO FORTE DOS REYS.

FIca este Forte algum tanto apartado da borda da agua; e o inimigo lhe tinha posto grande sitio com trincheiras, e peças de Campanha, e muito poder, e por estar desviado da agoa lhe naõ podia hir socorro, e começando o inimigo a combatello, e darlhe varias avançadas, e sempre ficava rebatido pelos poucos Portuguezes, que dentro se achavaõ, e se retiravaõ com muita mortandade de ferro, e fogo, e mais artificios de guerra, com que os poucos defensores os destruhiaõ, no que perzistindo o Maratá algum tempo; vendo, que naõ podia levar o forte com avançadas, usou fazerlhe minas, com cuja astucia deo com as muralhas em terra; vendo-se o Comandante com a Fortaleza aberta, e já sem moniçoens, e com taõ pouca gente, e o poder do inimigo cada vez mayor, seguio o parecer do Comandante da Fortaleza de Madapor, e com mais feliz sucesso, pela milhora do sitio, porque fazendo minas na Fortaleza com o resto da polvora, que tinha, e carregando a artelharia falsamente com o seu rastilho, assim que o inimigo, entrou sahiraõ os cercados, como que se retiravaõ por huma das portas da parte do mar, e o mesmo Comandante vendo a Fortaleza cheya de inimigos deu fogo ao rastilho, e rebentando a Fortaleza, e artelharia de huma parte para outra matou ao inimigo mais de 800. pessoas, e muitos cabos, entre os quaes foraõ dous principaes que o Maratá muito estimava, que eraõ Synai Bagene, e Camutigiraõ, ficandolhe a Fortaleza destruhida sem artelharia, e com o custo de tantas vidas.

ENtre eſtas hoſtilidades ſenaõ deſcuidava o Maratá de perſeguir a Praça de Baçaim, de que era General o valeroſo Martinho da Sylveira reforçando cada vez mais o ſitio. He eſta Praça de Baçaim a chave do Norte, a qual tem braço de Mar, aonde tem ribeira de Naós, e nas terras circumvezinhas ſe criam boas madeiras para fabricar embarcaçoens, e como he Praça rica, mais acendeo o dezejo, e cobiça do inimigo a apertarlhe o ſitio com grande poder, começando do anno de 1736. a pòr trincheiras pelo campo de Madapor, e o General Martinho da Sylveira com alguns Portuguezes continuamente ſahia da Praça; e entrando nas Aldeyas de Dongrim fazia varias pelejas com o inimigo, em que lhe matava muita gente com pouca perda noſſa, e abarracandoſe na dita Aldea, pondo nella ſeis peças, começou a bater o inimigo com grande furia, e mayor danno, dando-lhe repetidas cargas, e avançadas, ſempre com feliz ſucceſſo, em que lhe matava muita gente, e o perſeguia de tal ſorte, que parecia que o inimigo era o ſitiado.

Vendo Xinagi Appa General do Maratá a grande reſiſtencia que o General Martinho da Sylveira lhe fazia, pertendeo por traidores tirarlhe a vida, parecendo-lhe, que faltando o ſeu valor conſeguiria felizmente a victoria de tudo o que intentava: porém ſó conſeguio o ſaber o lugar, onde o General tinha a ſua barraca, à qual fazia as pontarias todas, obrigando-o a mudar repetidas vezes o ſeu quartel, comtudo logo o ſabia, e proſeguia o dito intento, o qual fruſtrou Martinho da Sylveira em aſſiſtir em qualquer barraca, como Soldado razo, continuando ſempre em fazer grande guerra ao inimigo tanto em ſortidas, que de noite lhe fazia, em que lhe matava muita gente, como deitandolhe abaixo as trincheiras, e rebelins, em que o inimigo punha a artelharia, com que combatia a Praça, e com taõ feliz ſucceſſo, que quando ſahia de noite a dar no inimigo lhe fazia grande eſtrago, muitas vezes ſem a perda de hum ſó Soldado, deixando no campo as maquinas do inimigo desfeitas.

COntinuando o General Martinho da Sylveira em perseguir ao inimigo em 12. de Janeiro de 1737. tocando-se a rebate sahio com alguns soldados como costumava a dar no inimigo , e travandose huma rigoroza batalha , veyo concorrendo grande poder do Maratá , o que vendo o General mandou tocar a recolher , e estando na vanguarda detendo com todo o valor aos inimigos até todos os seus se recolherem , cahio morto de huma balla de quaitoca (que saõ humas espingardas muito grandes , de que elles uzaõ) ao que acudio o alentado brio de alguns Soldados Portuguezes , que por entre as armas inimigas pegaram no Corpo do seu General , e o recolheraõ à Praça , aonde com commum sentimento lhe deraõ honroza sepultura.

PRIMEIRO ASSALTO DE BAC,AIM.

COm a morte do General Martinho da Sylveira cobrou o Maratá novos alentos de render a Praça de Baçaim, inda que logo tornou a temer a empreza quando soube , que elegera o Vis-rey em seu lugar a Pedro de Mello , de cujo valor a seu pezar tinha o inimigo larga experiencia, com tudo determinou dar a Baçaim o primeiro assalto , e tendo estado até o S. Joaõ a bater as muralhas com muita artelharia, ao que da Praça lhe respondiaõ com a mesma salva sem cessar todos os dias ; aos 9. de Junho de 1737. pela madrugada veyo o inimigo marchando entre as ballas da nossa artelharia , e pregando bandeira pelo campo com grandes alaridos , parecendolhes que naquelle dia rendiaõ a Praça, mandou logo o General Xinagi Appa que 8000. homens atacassem os dous baluartes S. Gonçalo , e Reys Magos , e avançando os contrarios se travou entre elles , e os da Praça huma cruelissima peleja , que reprezentava huma horroroza vista , porque arrimando o inimigo as escadas , e subindo furiosamente animados do seu General cahiaõ logo mortos , e precipitados , a cuja ruina se seguiaõ outros successivamente , lançando os nossos sobre elles granadas , e

outros arteficios de fogo, até que vendo Xinagi Appa, grande parte dos seus mortos, e quazi todas as escadas quebradas, e os mais, que repugnavam subir, mandou tocar a retirar, deixando na Campanha sessenta, e duas escadas, e mais de mil, e duzentos mortos, e entre elles hum cabo grande de seu exercito havendo da nossa parte só dous mortos, e cinco feridos, e alguns queimados.

SEGUNDO ASSALTO DE BAÇAIM.

O Restante deste mez, e o seguinte se gastou em algumas hostilidades em que o General Pedro de Mello sahia da Praça de noite com alguns Soldados, e desfazia as maquinas do inimigo, e muitas vezes dando nelles de repente; e matandolhes muita gente de sorte que desesperado o General Xinagi Appa determinou dar segundo assalto à Praça com mayor poder para acabar de huma vez com as cousas de Baçaim, e aos 15. de Setembro do dito anno pelo quatro da alva veyo sobre a Praça, pregando bandeira pelo Campo, e com grande gritaria, e animando os seus atacou os 4. Baluartes com doze mil homens, que envestiraõ taõ furiosos, que sem lhes servir de embaraço; ou temor os que cahiaõ mortos se metiaõ pelas armas dos Portuguezes como homens loucos; sendo taõ dezigual o partido (que sò os que atacaraõ os baluartes cabiaõ 80. homens a cada Portuguez, que a este tempo havia na praça 17. Portuguezes, e outros tantos nacionaes capazes de pelejar) chegaraõ em fim a subir os baluartes; porem logo com muito ferro, e fogo foraõ rebatidos, e os mais que se lhes se guiraõ; disparando-se continuamente da nossa parte muita mosquetaria; granadas, e bombas de pedra, que todas cahiaõ com grande estrago do inimigo, que por ser muito naõ dava lugar, a que ficasse alguma sem effeito; até que despois de huma porfiada peleja vendo-se o inimigo com tanta mortandade, e que os mais hiaõ desfalecendo da empresa, tocou a retirar deixando no campo mais de dous mil mortos, e levando mais de 700. feridos, havendo da nossa parte somente seis mortos, e desoito feridos, com

cuja

cuja perda ficou Xinagi Appa muito desconfiado da empresa.

CONTINUAM-SE AS GUERRAS DE BAC,AIM.

DEzesperado o inimigo com esta mortandade vendo que naõ podia levar por escalas a Praça determinou fazerlhe minas, para o que juntando toda a gente que tinha a seu cargo, que completava o numero de noventa, e quatro mil homens, e 28. Elefantes, excepto a multidaõ de trabalhadores, e cavoqueiros, veyo faser minas ao redor das muralhas; começando a picar nos muros, e baluartes, ao que o General Pedro de Mello acudio com todos os arteficios offensivos, e defensivos, lançando muito fogo sobre os inimigos, e grandes pedras, e calhas de agoa, e de noite fazendo varias surtidas, em que matava muitos dos contrarios, e lhes desfazia as faxinas, inda que ao outro dia logo as recuperavaõ com as palmeiras, que arrancavaõ dos palmares, porèm com o custo de muitas vidas, destruindo a nossa artelharia, aos que nellas trabalhavaõ, e sendo a perda que o General Martinho da Sylveira fez ao Maratà muito grande, ainda mayor era, a que lhe causou o incansavel Pedro de Mello, naõ deixando de perseguir ao inimigo de dia, e de noite dentro na Praça, e fora della, thè que dezesperado Xinagi Appa mandou fazer huma faxina taõ alta, que descobria a Praça por dentro, ao que acudio Pedro de Mello fazendo outro forte Cavaleiro com cuja artelharia lhe pòz logo à faxina por terra com morte de muitos.

Naõ se descuidava o inimigo em picar a muralha, e fazer minas, nem os da Praça em lhes lançarem granadas, e bombas, e outros arteficios, com que os matavaõ, porém elles sempre continuando na empreza: a este tempo havia na Praça falta de muniçoens, e polvora, e naõ tinha o Cofre dinheiro algum, ao que os moradores da praça acudiraõ dando o dinheiao, e pessas, que tinhaõ para defeza sua, o qual se mandou para Bombaim a buscar muniçoens, e petrechos para livramento da dita Praça; a este tempo

tinhaõ

tinhaõ os inimigos feito quatro minas em cada baluarte, e vindo logo pela menhaã em forma de dar aſſalto, com tudo na praça ſe cuidou muito no perigo das minas, e dar o inimigo juntamente fogo a todas rebentaraõ ſem perigar peſſoa alguma das noſſas, e aſſaltando o inimigo logo os baluartes; ſuccedeu, que tardando o fogo na quarta mina do baluarte S. Sebaſtiaõ, quando rebentou, já eſtava o dito baluarte cheyo de inimigos, que rebentando furioſamente, os levou a todos pelos ares cahindo a mayor parte delles dentro da praça, e varias pernas, e braços, no que teve grande deſtroço, mas nem por iſſo deixou de dar dous rigoroſos aſſaltos nas brexas, aonde acharaõ nos braços dos Portuguezes ſegundo eſtrago, o que vendo Xinagi Appa mandou tocar a retirada.

No dia ſeguinte veyo o inimigo a avançar os Baluartes S. Sebaſtiaõ, e N. Senhora dos Remedios, e lhes deu ſeis avançadas a peito deſcuberto, ſem fazer cazo da muita gente, que lhe cahia morta da artelharia, e moſquetaria, bombas, e granadas, antes como homem dezeſperado mais acendia aos ſeus para a peleja, durando eſta deſde as 7. horas da menhaã atè as 3. da tarde, e vendo cada vez mayor valor nos Portuguezes em ſe defenderem, e os ſeus, que repugnavaõ obedecer-lhe à viſta de montes de mortos, que eſtavaõ junto das brexas, mandou ſe tocaſſe a retirar deixando o campo cuberto de corpos mortos. Neſte dia morreraõ da noſſa parte outo Soldados, e o Tenente Coronel de Infantaria, e alguns feridos, e dos inimigos paſſaraõ de dous mil, no reſtante de tarde, e noite ſe gaſtou em fazer alguns repatos nas ruinas dos baluartes.

No ſeguinte dia em rompendo a menhaã deu o inimigo fogo a outra mina, e aſſaltou logo a brexa a peito deſcuberto, recebendo o coſtumado eſtrago, e acharaõ nos Portuguezes tal valor na defeza, que chegaraõ a ſahir fora da Praça alguns Soldados, e Officiaes, e contendendo com o inimigo o fizeraõ dezalojar com perda de muita gente, e retirados continuou a artelharia de huma, e outra parte o ſeu coſtumado exercicio: alguns dias eſteve o inimigo ſem dar aſſalto à Praça atè que vindo em hum dia pela menhaã

nhaã com grande numero de gente ſobre o baluarte S. Sebaſtiaõ, e dando fogo a outra mina deraõ com o baluarte todo em terra, e aſſaltando todos eſteve muito arriſcada a contenda, porque pelejavaõ os poucos Portuguezes peito a peito com os inimigos que ſervindo-lhe os mortos de eſcadas combatiaõ igualmente com os Portuguezes, ao que acudio o General Pedro de Mello tirando alguma gente dos outros baluartes, com o que ſe rebateo a furia do inimigo, que ſe retirou, vindo os Portuguezes a ſeguillos atè fora da Praça, que às vozes do General, e Officiaes ſe recolheraõ de mà vontade, tanto, que foy precizo mandar o General paſſar ordem, que nenhum Soldado ſahiſſe ſem ordem ſua à contenda com o inimigo fora da Praça.

Neſtas, e outras batalhas eſtavaõ continuamente os Portuguezes, porfiando o inimigo nos aſſaltos, dizendo, que o continuo trabalho, e morte os havia render, porque a elles, que eraõ muitos, lhes naõ fazia falta milhares, que lhe morreſſem, e aos Portuguezes, que eraõ poucos, quaeſquer dous, ou tres que morreſſem em cada aſſalto, lhes fazia grande perda, por cuja cauſa foy ſempre continuando as ſuas hoſtilidades, e os Portuguezes na ſua defeza, recuperando as ruinas da Praça de tal ſorte, que muitas vezes matavaõ aos inimigos com as meſmas maquinas, que elles intentavaõ em dano noſſo, porque a algumas minas lhes faziaõ os noſſos por dentro contra minas por tal modo, que quando o inimigo lhes dava fogo, rebentavaõ para a parte de fora; e faziam grande eſtrago nos meſmos inimigos, e outras vezes ſahiaõ fora, e matavaõ os que trabalhavaõ nellas.

DO QUE MAIS SUCCEDEO EM BAC,AIM, E MORTE DO General Pedro de Mello.

SUcedeu neſte tempo, que eſtando alguns Portuguezes em terra para tomarem o forte dos Reys, ſe meteu o General Pedro de Mello em huma embarcaçaõ para hir por mar ajudar a empreza, pois lhe era muito facil a ſahida por mar, e chegando ao forte, eſtando combatendo, veyo

huma

huma balla de artelharia, que despois de ter dado na agoa tres, ou quatro vezes entrou na embarcaçaõ do General, e o matou, com cuja desgraça se retiraraõ, e trouxeraõ seu corpo para Baçaim, de onde tinha sahido com pouca vontade dos sitiados, porèm o fervorozo dezejo, que tinha de acudir a todas as occasioens de peleja lhe occazionou a morte; com esta noticia ficou Xinagi Appa contentissimo, e começou a apertar mais os assaltos, e sitio, e vindo logo patente de General ao Capitaõ Caetano de Sousa que com seu valor, e experiencia militar mostrou ao inimigo que era digno substituto dos Generaes seus antecedentes, tanto em desfazer as maquinas, como na rezistencia de seus continuos assalttos, e na determinaçaõ de tudo, o que vendo o inimigo foy repetindo os assaltos, em que havia dia que dava outo, porèm os Portuguezes lhe faziaõ tal resistencia, que chegou a dizer o General do Maratà Xinagi Appà, que os Portuguezes certamente traziaõ comsigo alguma feitiçaria, porque naõ era cousa, natural, que tolerassem hum continuo trabalho de estarem todo o dia a peleijar, e toda a noite em fazer contra muros nas brexas, e muralhas, que de dia lhe deitavaõ em terra, e que nem era cousa possivel que doze, ou quinze homens rebatessem em huma brexa a furia de dous ou tres mil homens, como muitas vezes acontecia, e isto affirmava com tanta certeza, que cativando hum Portuguez lhe preguntou porfiadamente que defensivo traziaõ consigo os seus, ao que lhe respondeo o Soldado, que nenhum outro que os seus braços, e o amor de seu Rey.

Alguns mezes continuou Xinagi Appà no combate de Baçaim despois que entrou a governar o General Caetano de Souza, sempre na esperança de render a Praça, pois a via toda posta por terra, e os defensores taõ poucos (que na verdade inda eraõ menos, do que elle prezumia) que só o continuo trabalho bastava para os consumir, e continuando cada vez mais a repetiçaõ dos assaltos, chegou a Praça a termos, que de toda a parte estava cahida, e naõ chegavaõ a 60. homens os que podiaõ tomar armas, nem jà havia polvora, nem muniçoens mais que para duas horas de peleja,

leja, nem tinhaõ com que as mandar buſcar, no que aſſentaraõ todos requererem ao General a entrega da dita Praça, ſendo com todas as condiçoens honrozas, que a naõ ſer aſſim, eſtavaõ promptos para perderem a vida na empreza, e ainda que o General repugnou ao principio vendo todos deſte parecer ſe rezolveo a entregar a Praça.

No dia ſeguinte pela menhaã vindo o inimigo a continuar os aſſaltos (pois naõ ſocegava dia algum) ſe deitou da Praça huma bandeira branca pedindo ſeguro para tratar as condiçoens da entrega, o que vendo Xinagi Appa ficou muito contente, e fazendo ſeguro mandou à ſua gente ſe ſuſpendeſſe, ſem ganharem, nem perderem terreno, nem atirarem tiro algum, e ſahindo da Praça duas peſſoas militares, e hum Clerigo, que era interprete das lingoas, foraõ acompanhados de dous Cabos de Xinagi Appa atè a ſua barraca, aonde propuzeraõ a entrega com as condiçoens ſeguintes, em primeiro lugar; que havia ſahir a Soldadeſca com balla em boca, e bayonetas nas armas formada, e a toque de Caxa com bandeiras deſpregadas, e que a gente da Praça ſahiria com tudo, o que tiveſſe, e levariaõ dous morteiros, e quatro peças de Campanha, e que ſahiriaõ nas embarcaçoens com toda a artelharia para ſua defeza, para o que daria elle Xinagi Appa cem galvetas, e aos que quizeſſem hir por terra para Bombaim, Dio, ou Chaul lhes daria paſſo livre, e Carruagens para tranſporte do fato, e que a fazenda, que naõ pudeſſem levar, mandaria elle mercadores para a comprarem, e que os prizioneiros ſe reſtituiriaõ de ambas as partes, inda que foſſem cativos em outras occaſioens, e que o Convento de S. Franciſco da dita Praça os conſervaria à ſua cuſta, e que no tempo de ſete dias deſpejariaõ a dita Praça, o que aceitado pelo General Xinagi Appa) que ainda lhe parecia huma grande ventura) ſe firmaraõ de ambas as partes as ditas condiçoens, e ſe aſſinaraõ no dia 16. de Mayo de 1739.

Começando a correr os 7 dias ſe repartiraõ as embarcaçoens pelos moradores, e familias da dita Praça, embarcando todos, o que puderaõ de ſeu fato, ficando tudo prompto no dia 23. do dito, e veyo Bagiraõ Pardani com o

ſeu

o ſeu General Xinagi Appa, e outros Officiaes aſſiſtir ao embarque dos Portuguezes, e deſpois de tudo embarcado ſahio ultimamente o General Caetano de Souſa com a ſua gente de guerra, que naõ chegavaõ a 60. homens, e mandou o noſſo General dizer a Bagiraõ Pardani, que podia tomar entrega da Praça, ao que lhe mandou reſponder que em ſahindo a ſua gente de guerra toda, entraria logo, lhe replicou o General, que toda a gente de guerra, que havia, era aquella, que elle conſigo levava, e que naõ ficava na Praça peſſoa alguma da ſua guarniçaõ. Chegou entaõ Bagiraõ Pardani ao General admirado, e lhe diſſe, que tinha por couſa incrivel puderem taõ poucos defender huma Praça, como a defenderaõ, e opporem-ſe á furia de taõ poderoſo exercito, e mataremlhe tanta gente (que ao deſpois ſe aſſirmou paſſarem, os que morreraõ dos inimigos de 46. mil homens, e diſſe o dito Bagiraõ Pardani publicamente, que acabava de conhecer o valor da naçaõ Portugueza, e que hum ſó Portuguez valia mais, que hum eſquadraõ de Soldados, pòis taõ poucos lhe tinhaõ feito taõ cruel guerra por eſpaço de quazi tres annos a taõ poderoſo exercito, em fim feita a entrega ſe fizeraõ á vella no dia 23. de Mayo do dito anno de 1739.

DO QUE SUCCEDEO NO FORTE DE S. GONÇALO

DEfronte da Praça de Baçaim, algum tanto diſtante della, da outra parte do rio, eſtá o forte de S. Gonçalo, e mandando Bagiraõ Pardani dizer ao Cabo delle, que o entregaſſe, lhe reſpondeo eſte, que nam tinha duvida, que mandaſſe tomar entregua delle pela ſua gente, e mandando Bagiraõ a tomar poſſe do Forte, gente, que bem baſtaſſe para guarniçaõ delle, o Cabo do dito forte feitas minas encubertas cheyas de barriz de polvora, e granadas com hum raſtilho por baixo do chaõ, que hia ter junto a huma embarcaçaõ, que tinha prompta na Praya, em parte que ſe naõ via de Baçaim, e entrando mais de trezentas, e cincoenta peſſoas do inimigo com ſeus Cabos a tomar poſſe, o Cabo Portuguez os recebeo à porta, e lho entregou, e

ſe

ſe foy para os companheiros que eſtavaõ embarcados; e chegando à Praya deu fogo ao raſtilho, e o Forte, e gente foy pelos ares morrendo todos aſſim Soldados, como Cabos, e os Portuguezes largaraõ as vellas, e ſe foraõ para Damaõ, de cujo ſuceſſo ficou juntamente Bagiraõ aſſuſtado, e raivoſo, dizendo, que os Portuguezes eraõ alem de valeroſos crueis.

DO QUE FEZ O INIMIGO MARATA' NAS FORTALEZAS DE Damaõ, Chaul, e Dio.

O Reſtante do mez de Mayo paſſou o Maratà na Praça de Baçaim, e logo no principio do mez de Junho do dito anno foy ſobre a Praça de Damaõ, e lhe póz apertado ſitio, e começando a darlhe rigoroſos aſſaltos, ſe retirava ſempre desbaratado, e com muitos mortos, e vendo, que eſtava bem guarnecida de Soldados Portuguezes, e lhe naõ podia fazer minas, porque tem a dita Fortaleza huma grande cava em redondo, que quando enche a marè ſempre fica cheya de agoa, e até o pê da porta chega o rio, desconfiou da empreza, e ſe retirou a fazer ſitio a Chaul, aonde achou igual reſiſtencia, e naõ menor mortandade nos ſeus em os aſſaltos, que lhe deu, do que dezeſperado levantou o ſitio, e foy para Dio com animo de perſiſtir na empreza. O cabo deſta famoſa Fortaleza (que tantas vezes tem ſido theatro do valor Portuguez) tinha feito por onde elles haviaõ paſſar huma larga, e grande mina cheya de polvora, e bombas, e lhe póz ſeus pontaletes para naõ cahir com o pezo da gente; e a cubrio de terra com ſeu raſtilho por baixo do chaõ atè a Fortaleza, e chegando o inimigo à viſta della ſahio o Cabo da dita Praça com alguns Soldados a dar huma avançada enganoza ao inimigo, o que vendo eſte foy com todo o ſeu poder ſobre elle, e fazendo o Cabo huma retirada os encaminhou por ſima da dita mina, e vendo que eſta ficava já cuberta, e no meyo delles que o vinhaõ ſeguindo, lhe largou o fogo, e rebentando para ſima, e para huma, e outra parte lhes fez hum conſideravel eſtrago, e ſe recolheo a ſeu ſalvo, ficando o cam-

po cuberto de inimigos mortos, e despedaçados, o que vendo Xinagi Appa determinou tomar vingança assaltando com todo o poder a fortaleza, porèm advertindo para a grande Cava que tinha, e que sempre estava cheya de agoa, e que naõ podia fazer as minas dezesperou da empreza, e se retirou, gastando nestas hostilidades tres mezes, de que só lhe rezultou muita mortandade no seu exercito, e patente mostra do valor Portuguez com quem logo no mez seguinte fez as pazes.

DO QUE SUCCEDEO NA PROVINCIA DE SALSETE.

EM quanto o inimigo Maratà combatia a Baçaim mandou hum seu Cabo com huma grande parte do seu exercito sobre a Provincia de Salsette, de que era General D. Luiz Caetano, e aos 23. de Janeiro de 1739. entrou o inimigo na dita Provincia, e dando logo na fortaleza de Cuculim, a gente que nella estava, se retirou por ser pouca, e lançaraõ das muralhas abaixo a artilharia encravada; a qual ao despois Antonio Cardim Froes foy buscar com alguns Soldados, e a trouxeraõ, tirando a quazi de entre os inimigos, os quaes os vieraõ perseguindo, e peleijando para lha tirarem, porem Antonio Cardim mandou carregar algumas das ditas peças, e disparandoas contra os inimigos os afugentou, sendo elles mais de tres companhias, e os nossos naõ chegavaõ a quarenta homens, e se recolheraõ victoriosos com a dita artilharia em Murmugaõ. Daqui a poucos dias chegou o inimigo a esta Fortaleza, a qual tinha a muralha toda cahida pela parte da Aldea, e avançandoa o inimigo inda que sem muros achou dentro grande resistencia por quanto nella estava por Commandante o dito Antonio Cardim Froes, e tanto o temiaõ os inimigos que sabendo, que era elle o Commandante, logo largaraõ o sitio, e se retiraraõ a pòr cerco a Raxol, aonde mandou o Vis-Rey algum socorro, que se lhes levou por mar por entre a artelharia do inimigo, que o intentava impedir. Succedeo neste tempo, que em hum Choque, que o inimigo teve com huma companhia de Sypaes, e alguns

Portu-

Portuguezes, póz as cabeças de tres que matou em paós, e os levantou à vista da Fortaleza de Raxol, o que vendo o General D. Luiz Caetano sahio fora da Fortaleza com alguns Portuguezes, e por entre as armas, e o poder todo do inimigo tirou do seu poder as cabeças, e corpos dos tres Soldados (acçaõ digna de memoria) Continuou alguns dias a bataria da Fortaleza, e dos inimigos, e havendo jà falta de muniçoens, e polvora se mandou buscar a Goa, que com feliz victoria por entre o inimigo se meteu na Fortaleza, naõ se descuidava com tudo de apertar cada vez mais o sitio, e de avançar duas, e tres vezes no dia, e fazendo varias minas para fazer brexas nas muralhas, sahia o General fora com os Portuguezes, e lhas desfaziaõ com morte, dos que nellas trabalhavaõ, e as defendiaõ; e tendo o inimigo feito já huma grande mina chegada à muralha, lhe fizeraõ os da Fortaleza hum reforço por dentro de sorte, que dandolhe o inimigo fogo, rebentou para fora, e lhe matou mais de quarrocentas pessoas; e em fim no discurso do sitio desta Fortaleza, que durou desde Janeiro até Mayo (tempo em que se fizeraõ as Pazes) com tal valor se houveraõ os cercados em todas as pelejas, e assaltos, que foraõ continuados, que se soube morrerem onze mil dos inimigos, e da nossa parte entre Portuguezes, e nacionaes quarenta, e alguns por descuido de andarem por sima da muralha, e entre os do inimigo morreo o General Bagiraõ Pardáni, que o Maratá muito sentio, que era hum dos melhores Cabos, que tinha nos seus exercitos; aos 23. de Mayo se levantou o sitio pelo concerto das pazes, retirandose para as suas terras.

ENTRADA DO INIMIGO BARÇALLO NA PROVINCIA DE Bardes.

PAra constar o valor da naçaõ Portugueza, basta advertir-se, que taõ poucos homens estavaõ peleijando ao mesmo tempo com tres poderosos inimigos, como eraõ o Maratá, e o Barçallò por terra, e o Angarià por mar, que ainda que o Maratá era o mais poderoso, e nos fazia mayor

yor guerra ao meſmo tempo em diverſas partes, o Barcallò inda que era menor no poder, baſtava para nos exceder muito no numero, porém nenhum delles no valor; como ſe vio, que em cinco de Março dando de repente ſobre Tivim, aonde ſó eſtavaõ 19. Soldados Portuguezes, e os mais todos eraõ natutaes da terra, eſtes logo fugiraõ, e podendo fazer o meſmo os dezenove Portuguezes ſe naõ quizeraõ retirar, antes ſe determinaraõ a morrer valeroſamente, e vendo o inimigo os muros dezamparados entrou dentro, aonde ſó achou fazendo-ihe reſiſtencia aos 19. Portuguezes, ſendo, os que entraraõ outo mil homens, e de tal ſorte ſe travou a batalha, que vendo o Barcalló o eſtrago, que faziaõ nos ſeus, e o valor, com que ſe defendiaõ, lhe mandou no meyo da peleja dizer, que ſe rendeſſem, que lhes daria paſſo livre para ſe hirem, e reſpondendo, que ſe naõ rendiaõ, porque tinhaõ obrigaçaõ de defender aquella Praça de Tivim, foraõ continuando a peleja atè darem as vidas em honra da Patria, cuſtando cada huma das ſuas muitas ao inimigo, porque lhe naõ fizeraõ menor eſtrago, e oppoſiçaõ, que ſe foſſem outro exercito de igual numero ao delles, do que ſe originou paſſar ordem o Barcalló no ſeu exercito, que Portuguez, que ſe encontraſſe, nem ſe catìvaſſe, nem offendeſſe, mandando paſſar a meſma ordem para com as imagens das Igrejas, e com tal obſervancia, que chegando à Ermida de N. Senhora dos Milagres (vocaçaõ, que eſta milagroſiſſima imagem tinha adquirido com os ſeus prodigios) póz ſentinellas à porta para que ninguem entraſſe dentro, e ſentindo as guardas gente, entraraõ na Ermida para os tirar para fora, o que ſabendo o Barcalló mandou logo enforcar os ditos ſentinellas, e deixou hir livres, os que eſtavaõ dentro.

Deſpois diſto eſtiveraõ os inimigos pelas prayas alguns dias, e vendo, que nos rios eſtavaõ algumas embarcaçoens de Portuguezes, que lhe atiravaõ varios tiros de artilharia, de que recebiaõ muito dano, ſe retirou para dentro dos Palmares, e a o deſpois foy combater o Forte do Xoraõ em 25. de Março, o que fez repetidas vezes, mas naõ pode aturar o fogo, que de dentro lhe faziaõ, e ſe retirou, e dahi foy para

para a Fortaleza da Aguada, que estava com as muralhas cahidas, e dando o inimigo hum assalto por onde estava cahido o muro, se retirou rebatido com perda de muita gente, porque estavaõ dentro bastentes Portuguezes, e naturaes, e alguma gente do mar, que serviaõ de artilheiros, e estava comandando a Fortaleza Pedro do Rego, que hoje serve de Ajudante General, e logo deraõ ordem a levantar a muralha, e tornando o inimigo a dar-lhe varios assaltos, vendo-se sempre rebatido, e a muralha levantada, desesperado se retirou, e mandou cometer pazes ao Vis Rey, as quaes naõ se lhe querendo aceitar, escandalizado da reposta se retirou para os Palmares.

CILADA DO INIMIGO, E MORTE DO TENENTE CORONEL Joaõ Malhaõ.

SUccedeo, que mandando o Vis-Rey para recuperarem a Tivim dez Companhias entre Portuguezes e nacionaes, sendo destes a mayor parte, e por General Francisco de Mello Gamboa, e o Tenente Coronel Joaõ Malhaõ, sahiraõ de repente dos Palmares mais de oito mil homens do inimigo, e dando nelles, vendo a desigualdade se puzeraõ em retirada, excepto o sempre valeroso Joaõ Malhaõ, que como naõ sabia mais, que vencer, se meteu por entre os inimigos com a espada na maõ fazendo huma estrada de mortos por onde hia, até que com as muitas feridas, que recebeo, cahio morto, custando cada pinga do seu sangue muitas vidas ao inimigo. Despois disto nomeou o Vis-Rey por General da Provincia a Manoel Soares Velho, que estava comandando a Fortaleza da Aguada, e neste tempo foy o inimigo às Aldeyas da Piedade, e Xoraõ, mas como o Forte lhe dava muito fogo, e nelle se achava muita artilharia, e bastante guarniçaõ, se retirou com muita perda, e foy tornar a cometer a Fortaleza da Aguada, e sucedendolhe o mesmo, largou a empreza desesperado, e se retirou, pertendendo dar assalto às terras de Goa, para o que fizeraõ humas grandes jangadas de Madeira, e em sima dellas puseraõ a gente para passarem a Goa, e como a gente Portugueza se naõ descuidava

dava

dava de andar no mar de ronda, vendo huma noite vir ſobre a agua aquelle vulto taõ grande (que eraõ as jangadas) começaraõ das embarcaçoens a atirarlhe com a artelharia, que traziaõ. Tanto, que os inimigos viraõ o fogo que lhes matava tanta gente, os mais todos atiraraõ comſigo ao mar, e ſe lhes apanharaõ as jangadas, que foraõ para a ribeira das Nàos, que bem trazia cada huma ſeſſenta peſſoas, e logo mandou o VisRey tomar todas as Almadias, e embarcaçoens, que ſe lhes achaſſem pelas bordas dos Rios, aonde o inimigo eſtava, e hindoſe à dita diligencia ſe lhes apanharaõ muitas Almadias, e lhas queimaraõ, e juntamente quantos pàos, e taboas achavaõ, para o inimigo naõ fazer jangadas; e vendoſe o inimigo Barcallò com eſtas, e outras hoſtilidades taõ rebatido; em Janeiro de 1740. ſe retirou para as ſuas terras muito deſcontente, pois o lucro, que tirou em outo mezes de guerras foy o retirarſe desbaratado.

BATALHA NAUAL COM O INIMIGO SAMBAGI ANGARIA.

NO tempo, em que mais furioſas eſtavaõ as armas do Maratà tinha eſte feito concerto com o Angarià, que perſeguindo elle, e o Barcallò os Portuguezes por terra, e elle Angarià por mar, facilmente ſeriaõ ſenhores de Goa, e mais terras pertencentes, dando a principal incumbencia ao Angarià, de que eſperaſſe a Nào, que tinha hido buſcar mantimento ao Sul, couza que lhe ſeria muito facil, por vir eſta pouco guarnecida, e muito carregada; e que conſeguido o rendella ſeriaõ Senhores de Goa, por ſe achar eſta ſem mantimento, e ſem gente para guarnecer novas embarcaçoens para repetir a conducçaõ dos ditos mantimentos; o que aſſim fez o Angarià, e mandando chamar os ſeus melhores Cabos, e Soldados de mais fama lhes deu as melhores Palas, e galvetas para eſta empreza, e elles com juramento lhes ſeguraraõ a victoria, e a 3. de Março ſahiraõ do Porto de Griem, preparados de tudo a eſperar a noſſa nào.

Tinha ſahido da barra de Goa em 8. de Fevereiro de 1739. a Nào N. Senhora da Victoria comboyando 47. parangues

em

embarcaçoens pequenas, que carregadas de Sal hiaõ buſcar o ſeu retorno em arroz da Coſta do Sul dos portos do Canarà, e ſahindo a dous de Março carregadas do porto de Mangalor, a 5. do dito pela menhaã ſe encontrou a dita Nào Victoria (de que era Commandante o Capitaõ de mar, e guerra Antonio de Brito Freire com as 7. Pallas, e dez Galvetas do inimigo, Sambagi Angarià, e começando hum rigoroſo, e porfiado combate de ambas as partes, aſſim de artelharia, como de moſquetaria, durou eſte até anoitecer, tempo em que deziſtio o inimigo da contenda retirando-ſe por balravento com duas pallas deſarvoradas paſſando toda a noite tocando ſeus inſtrumentos.

Amanhecendo o dia ſeguinte ſe vio o inimigo prompto com as duas pallas concertadas, e em todas pano novo, e repartidas em duas eſquadras buſcaraõ a Nào por ambos os bordos, e ſe travou taõ cruel combate, que por duas vezes com a multidaõ dos tacos da artelharia do inimigo ateou o fogo no Convès da Nào, e perſiſtindo atê a huma hora da tarde vendo huma pala deſarvorada, e outra quazi com toda a popa fora, começou a afroxar, e retirarſe, na qual deligencia tres pallas experimentaraõ grande deſtroço, porque por haver calma ſe embaraçaraõ humas com outras, e cahindo a Nào ao meſmo tempo ſobre ellas lhes deu tres bandas em menos diſtancia, que tiro de eſpinguarda, atè que deſembaraçadas procuraraõ ſeguir a fugida, que por haver calmaria, e vir a Nào muito carregada lhe naõ puderaõ dar alcance.

A perda do inimigo ſe naõ ſoube de certo, mais que terem queimado, e enterrado a ſeu uzo na Coſta grande numero de gente; da noſſa parte houve doze mortos, e os mais delles marinheiros, e varios feridos. Deſta acçaõ reſultaraõ grandes creditos à Naçaõ Portugueza, pois nem o Angarià ſe atreveo mais atè agora a experimentar ſegunda fortuna, e com eſta, e outras acçoens de valor ſe reſolveraõ os mais inimigos a ſolicitar a paz com os Portuguezes, e a deziſtirem de ſeu deſvanecido intento de ſenhorearem a Goa, conhecendo à ſua cuſta, que os Portuguezes, aſſim como

ſabem conqniſtar , ſabem defender ; e que ſupr indo o valor ao numero , nam duvidaõ offerecer as vidas pela Fè de ſeu Deos , e honra de ſeu Rey.

FIM.